

BERNARDINE EVARISTO

Garota, mulher, outras

Tradução

Camila von Holdefer



Amma

1

Amma

está andando pelo passeio do canal que divide a cidade, algumas barcaças navegando lentamente nas primeiras horas da manhã

à esquerda está a passarela de inspiração náutica com tábuas estilo convés e torres tipo mastros

à direita está a curva do rio que se volta para o leste depois da ponte de Waterloo em direção ao domo da catedral de St. Paul

ela sente o sol começar a se erguer, no ar ainda há uma brisa antes de a cidade ficar entupida de calor e fumaça

uma violinista toca alguma coisa devidamente inspiradora mais adiante no passeio

a peça de Amma, *A última amazona do reino de Daomé*, estreia no National Theatre esta noite

ela pensa na época em que começou no teatro

quando ela e a companheira de militância, Dominique, se tornaram conhecidas por interromper apresentações que ofendiam sua sensibilidade política

as vozes treinadas, poderosas de atrizes se projetando dos assentos mais ao fundo antes de darem no pé rapidinho

acreditavam em protestos públicos, perturbadores e francamente irritantes para aqueles do outro lado

ela lembra de virar uma caneca de cerveja na cabeça de um diretor cuja peça apresentava mulheres negras seminuas correndo pelo palco e se comportando feito idiotas

antes de bater em retirada pelas ruelas de Hammersmith uivando

Amma então passou décadas à margem, uma renegada arremessando granadas no establishment que a excluía

até o *mainstream* começar a absorver aquilo que um dia tinha sido radical e ela se ver ansiosa para se juntar a ele

coisa que só aconteceu quando a primeira diretora artística mulher assumiu o comando do National Theatre três anos atrás

depois de tanto tempo ouvindo um educado não de seus antecessores, ela recebeu uma ligação logo após o café da manhã de uma segunda-feira quando sua vida era uma extensão vazia em que não havia nada mais a esperar além de novelas de tevê

adorei o roteiro, a gente tem que fazer, você também dirige pra gente? sei que o prazo é apertado, mas será que você teria tempo pra um café esta semana?

Amma toma um gole de seu costumeiro café duplo, o melhor para começar o dia, enquanto se aproxima do complexo de arte cinza e brutalista logo em frente

pelo menos agora eles tentam alegrar o concreto estilo *bunker* com letreiros de neon e o local tem a reputação de ser progressista em vez de tradicionalista

anos atrás ela esperava ser expulsa no momento em que ousasse cruzar aquelas portas, uma época em que as pessoas de fato usavam suas roupas mais elegantes para ir ao teatro

e olhavam de cima a baixo para quem não estivesse com o traje adequado

Amma quer que as pessoas levem sua curiosidade para as peças dela, não dá a mínima para o que vestem, ela também tem seu próprio estilo *tô-nem-aí*, que tinha evoluído, é verdade, e deixado de lado o macacão jeans clichê, a boina Che Guevara, o lenço palestino e o onipresente bóton com dois símbolos do feminino entrelaçados (mostre quem você realmente é, garota)

agora ela usa tênis prateados ou dourados no inverno, as boas e velhas papetes no verão

inverno: calças pretas, tanto largas quanto justas, depende de ela estar vestindo quarenta ou quarenta e dois naquela semana (um tamanho menor na parte de cima)

verão: calças saruel estampadas que deixam as canelas de fora

inverno: camisetas assimétricas alegres, suéteres, jaquetas, casacos durante o ano todo, os dreads descoloridos eram ajeitados para cima como velas num bolo de aniversário

brincos de argola prateados, enormes pulseiras africanas e batom cor-de-rosa

eram a assinatura perpétua da afirmação de seu estilo

Yazz

que recentemente descreveu seu estilo como “o de uma velha louca, mãe” implora para ela comprar na Marks & Spencer como as mães normais e se recusa a ser vista ao lado dela quando supostamente deviam estar andando juntas na rua

Yazz sabe muito bem que Amma vai continuar a ser tudo menos normal, e estando na casa dos cinquenta ela ainda não é velha, mas tente dizer *isso* a uma garota de dezenove anos; seja como for, não há nada para se envergonhar nessa coisa de envelhecer

sobretudo quando toda a raça humana está junta nisso
mas de vez em quando ela parece ser a única entre seus amigos
que quer comemorar o fato de ficar mais velha
porque é um privilégio muito grande não morrer de forma
prematura, ela diz a eles enquanto a noite cai, todos ao redor da mesa
da cozinha dela no terraço de sua acolhedora casa em Brixton
enquanto atacam com entusiasmo os pratos que cada um trouxe:
ensopado de grão-de-bico, frango jamaicano, salada grega, curry de
lentilha, vegetais assados, cordeiro marroquino, arroz com açafrão,
salada de beterraba e couve, quinoa *jollof* e massa sem glúten para os
reclamações mais irritantes
enquanto se servem de taças de vinho, vodca (poucas calorias) ou
de alguma coisa mais amistosa para o fígado caso fossem ordens
médicas
ela espera que eles aproveem sua recusa à tendência de choradeira
típica da meia-idade; em vez disso ganha sorrisos confusos e que tal
crises de artrite, perda de memória e calores?

Amma passa pela jovem violinista
sorri de um jeito encorajador para a garota, que corresponde à
altura
procura algumas moedas, deixa no estojo do violino
não está pronta para largar o cigarro então se inclina no muro na
beira do rio e acende um, se odeia por fazer isso
a publicidade tinha dito à geração dela que o cigarro faria as
pessoas parecerem maduras, charmosas, poderosas, espertas,
desejáveis e acima de tudo descoladas
ninguém disse que na verdade ele ia matar todo mundo
ela olha para o rio enquanto sente a fumaça quente descer pelo
esôfago acalmando os nervos ao mesmo tempo que tenta combater a

onda de adrenalina da cafeína

quarenta anos de estreias e ela ainda está surtando

e se for desancada pelos críticos? repudiada por resenhas unânimes de uma estrela, *onde* o National Theatre estava com a cabeça quando permitiu a entrada dessa impostora de quinta categoria?

claro que ela sabe que não é uma impostora, escreveu quinze peças e dirigiu mais de quarenta e, como um crítico escreveu certa vez, Amma Bonsu tem mãos seguras que sabem assumir riscos

e se as plateias que a ovacionaram de pé só estivessem sendo gentis?

ah, cala a boca, Amma, você é uma megera com anos de experiência, lembra?

olha

ela conseguiu um elenco fantástico: seis atrizes mais velhas (veteranas que já tinham visto de tudo), seis na metade do percurso (até então sobreviventes) e três rostinhos novos (otimistas ingênuas), um dos quais era a talentosa Simone, que ia vagar de olhos injetados pelos ensaios, tendo esquecido de desligar o ferro, o fogão ou de fechar a janela do quarto, desperdiçando um tempo precioso dos ensaios telefonando em pânico para seus colegas de apartamento

uns meses atrás ela teria vendido a própria avó como escrava para conseguir esse trabalho, agora é uma pequena *prima donna* mimadinha que mandou a diretora ir buscar um *latte* de caramelo umas semanas atrás quando estavam só as duas na sala de ensaio

estou exausta, Simone reclamou, deixando implícito que a culpa era toda de Amma por fazê-la trabalhar tão duro

desnecessário dizer, ela lidou com a jovem srta. Simone Stevenson no mesmo instante

a jovem srta. Stevenson—que acha que porque desembarcou no National Theatre direto da escola de atores está a um passo de conquistar Hollywood

ela vai descobrir
em breve

em momentos como esse Amma sente falta de Dominique, que fugiu para a América há muito tempo

deviam estar comemorando juntas esse avanço na carreira dela
elas se conheceram nos anos 80 num teste para um longa-metragem ambientado numa prisão feminina (o que mais?)

as duas estavam cansadas de ser colocadas em papéis como escrava, empregada, prostituta, babá ou criminosa

e ainda assim não conseguir o trabalho

elas amaldiçoaram o destino num café encardido do Soho enquanto devoravam ovos fritos com bacon enfiados entre duas fatias de um pão branco pesado, que faziam descer com chá forte, ao lado das trabalhadoras do sexo que batiam ponto nas ruas lá fora

muito antes de o Soho virar um lugar gay da moda

olha pra mim, Dominique disse, e Amma olhou, não tinha nada de subserviente, maternal ou criminoso nela

ela era superdescolada, totalmente deslumbrante, mais alta do que a maioria das mulheres, mais magra do que a maioria das mulheres, com maçãs do rosto bem marcadas e olhos esfumados com cílios pretos e grossos que literalmente faziam sombra no rosto dela

ela usava couro, mantinha o cabelo curto exceto por uma franja jogada de lado e andava pela cidade em uma bicicleta velha e gasta que estava acorrentada do lado de fora

eles não veem que eu sou uma deusa viva? Dominique berrou com um gesto extravagante, sacudindo a franja, fazendo uma pose provocante enquanto cabeças se viravam

Amma era mais baixa, com quadris e coxas africanos material perfeito para uma garota escrava, um diretor lhe disse quando ela entrou na sala de teste para uma peça sobre a Emancipação

ao que ela deu meia-volta e foi embora

por sua vez um diretor de elenco disse a Dominique que ela estava desperdiçando o tempo dele ao aparecer para um teste para um drama vitoriano quando não havia nenhuma pessoa negra na Grã-Bretanha da época

ela disse que havia, o chamou de ignorante antes de também sair da sala

no caso dela, batendo a porta

Amma se deu conta de que tinha achado um espírito afim em Dominique, que ia tocar o terror por aí com ela

e que ninguém ia contratá-las quando as notícias se espalhassem elas foram a um pub local onde a conversa continuou e o vinho correu solto

Dominique tinha nascido na região de St. Paul em Bristol, de mãe afro-guianense, Cecilia, que rastreou sua origem até o tempo da escravidão, e de pai indo-guianense, Wintley, cujos ancestrais eram servos por contrato vindos de Calcutá

a mais velha de dez filhos que eram todos mais negros do que asiáticos e se identificavam como tal, sobretudo porque o pai tinha afinidade com as pessoas afro-caribenhas com as quais cresceu, mas não com os indianos recém-chegados da Índia

Dominique sacou suas preferências sexuais na puberdade, sabiamente as manteve em segredo, sem saber como os amigos ou a família iam reagir, sem querer ser uma pária

tentou garotos algumas vezes

eles gostaram

ela suportou

com dezesseis anos, querendo se tornar atriz, veio para Londres onde as pessoas orgulhosamente se intitulam outsiders, como um emblema

dormiu na rua sob os arcos da estação Embankment e nas portas das lojas na Strand, foi entrevistada por uma associação habitacional para pessoas negras e chorou e mentiu dizendo que tinha escapado de um pai que batia nela

o oficial de habitação jamaicano não ficou impressionado, então você apanhou, é?

Dominique ampliou a denúncia para abuso sexual paterno, recebeu um quarto emergencial num albergue; passados dezoito meses, depois de telefonemas semanais e chorosos para o escritório de habitação, conseguiu da associação um apartamento de um quarto num pequeno prédio dos anos 50 em Bloomsbury

fiz o que precisava fazer pra encontrar uma casa, ela disse a Amma, não foi o ponto alto da minha vida, admito, mesmo assim não causei nenhum mal, meu pai nunca vai saber

ela deu início à missão de educar a si mesma em história negra, cultura, política, feminismo, descobriu livrarias alternativas em Londres

entrou na Sisterwrite em Islington onde cada livro tinha sido escrito por uma mulher e permaneceu lá por horas; não podia

comprar nada, e leu de cabo a rabo *Home Girls: A Black Feminist Anthology*, um pouco toda semana, de pé, assim como tudo da Audre Lorde em que conseguiu pôr as mãos

as vendedoras não pareciam se importar

quando fui aceita numa escola de atores bem tradicional eu já era politizada e os desafiava em tudo, Amma

a única pessoa negra na escola inteira

ela exigiu saber por que os papéis dos homens em Shakespeare não podiam ser interpretados por mulheres, isso sem falar de um elenco inter-racial, gritou para o diretor do curso enquanto todo mundo, inclusive as alunas mulheres, ficavam em silêncio

percebi que estava por conta própria

no dia seguinte o diretor da escola me chamou de lado

você está aqui pra se tornar uma atriz, não uma política

você vai ser convidada a se retirar se continuar causando problemas

você está avisada, Dominique

que coisa, Amma disse, cala a boca ou cai fora, é?

quanto a mim, puxei o espírito combativo do meu pai, Kwabena, um jornalista que se engajou na luta pela independência de Gana

até que ficou sabendo que ia ser preso por rebelião, deu no pé, veio para cá e acabou indo trabalhar no setor ferroviário onde conheceu minha mãe na estação London Bridge

ele coletava os bilhetes, ela trabalhava nos escritórios na parte de cima do terminal

ele fez questão de pegar o bilhete dela, ela fez questão de ser a última pessoa a sair do trem para poder trocar algumas palavras com ele

minha mãe, Helen, é mestiça, nascida na Escócia em 1935
o pai dela era um estudante nigeriano que desapareceu assim que
terminou os estudos na Universidade de Aberdeen
ele nunca se despediu
anos depois a mãe dela descobriu que ele tinha voltado para a
mulher e os filhos na Nigéria
ela nem sabia que ele tinha mulher e filhos
minha mãe não era a única mestiça em Aberdeen nos anos 30 e 40
mas era incomum o bastante para se sentir diferente
ela saiu cedo da escola, fez um curso de secretariado, veio para
Londres bem quando a cidade estava sendo povoada por homens
africanos que tinham vindo estudar ou trabalhar
minha mãe ia aos bailes deles nos clubes do Soho, eles gostavam
da pele mais clara e do cabelo mais solto dela
ela disse que se sentia feia até um homem africano dizer que ela
não era
você tinha que ver como ela era naquela época
uma mistura de Lena Horne e Dorothy Dandridge
é, bem feia mesmo

minha mãe esperava que no primeiro encontro eles fossem ver um
filme e em seguida ao lugar favorito dela, o Clube Afrique, bem aqui
no Soho, ela deu dicas suficientes e adorava dançar *highlife* e o jazz
da África Ocidental

em vez disso ele a levou a uma das reuniões socialistas dele na sala
dos fundos de um pub em Elephant and Castle
onde um grupo de homens ficou ali sentado entornando cerveja e
falando de políticas de independência
ela ficou lá tentando parecer interessada, impressionada com a
inteligência dele

ele ficou impressionado com a anuência silenciosa dela, se você quer saber o que eu acho

eles se casaram e se mudaram para Peckham

fui a última filha e a primeira menina, Amma explicou, soprando fumaça no ambiente cada vez mais abafado

dos meus três irmãos mais velhos dois viraram advogados e um virou médico, e a obediência deles às expectativas do nosso pai fez com que eu não fosse pressionada a seguir o exemplo

a única preocupação dele comigo é com casamento e filhos

ele acha a minha carreira de atriz um passatempo até que eu tenha as duas coisas

meu pai é um socialista que quer uma revolução para fazer toda a humanidade progredir

sem exagero

eu disse pra minha mãe que ela se casou com um patriarca

veja da seguinte forma, Amma, ela disse, seu pai nasceu homem em Gana nos anos 20 enquanto você nasceu mulher em Londres nos anos 60

o que você quer dizer?

você não pode mesmo esperar que ele “te saque”, como você disse deixei bem claro que ela era uma defensora do patriarcado e cúmplice de um sistema que oprime todas as mulheres

ela disse que seres humanos são complexos

eu disse pra ela não me tratar com aquele ar de superioridade

minha mãe trabalhava oito horas por dia num escritório, criou quatro filhos, cuidou da casa, garantiu que o jantar do patriarca estivesse na mesa todas as noites e suas camisas passadas todas as manhãs

enquanto isso ele estava lá fora salvando o mundo
o único dever doméstico dele era pegar no açougueiro a carne
para o almoço de domingo—uma coisa meio caçador-coletor
suburbano

dá pra ver que minha mãe tá insatisfeita agora que a gente saiu de
casa porque ela passa o tempo limpando ou redecorando tudo
ela nunca reclama da sorte, ou discute com ele, um sinal claro de
que é oprimida

ela me contou que tentou pegar na mão dele no começo, mas que
ele a afastou, disse que afeto era uma afetação inglesa, ela nunca
mais tentou de novo

porém todo ano no Dia dos Namorados ele dá pra ela o cartão
mais piegas que encontra e ele ama música country sentimental, se
senta na cozinha nas tardes de domingo escutando os álbuns de Jim
Reeves e Charley Pride

copo de uísque numa mão, enxugando as lágrimas com a outra

meu pai vive para reuniões de campanha, manifestações, protestos
contra o Parlamento e para ficar parado em Lewisham Market
vendendo *O trabalhador socialista*

cresci ouvindo os sermões dele durante o jantar sobre os males do
capitalismo e do colonialismo e os méritos do socialismo

era o púlpito dele, e nós a congregação cativa

era como se ele literalmente nos enfiasse a política goela abaixo

ele provavelmente seria alguém importante em Gana se tivesse
voltado depois da independência

em vez disso ele é o Presidente Vitalício da nossa família

ele não sabe que eu sou sapatão, tá de sacanagem? minha mãe
falou pra eu não dizer pra ele, já foi bem difícil dizer pra ela, ela

disse que suspeitou quando as saias-lápis e os permanentes estavam em alta e eu comecei a usar calças Levi's masculinas

ela aposta que é uma fase, vou mostrar pra ela quando tiver quarenta

meu pai não tem tempo para “as bichas” e ri de todas as piadas homofóbicas que os comediantes fazem na TV no sábado à noite quando não estão insultando as sogras ou pessoas negras

Amma falou da ocasião em que foi a um grupo de mulheres negras em Brixton no último ano da escola, a primeira vez dela em um, tinha visto um folheto na biblioteca local

a mulher que abriu a porta, Elaine, ostentava um black perfeito, pernas e braços harmoniosos bem apertados num jeans azul-claro e camisa jeans justa

Amma a desejou na hora, seguiu-a até a sala principal onde mulheres estavam sentadas em sofás, cadeiras, almofadas, pernas cruzadas no chão, bebendo café e sidra

nervosa, aceitou os cigarros que circulavam, sentada no chão, encostada numa poltrona detonada de tweed, sentindo a perna quente de Elaine contra o braço dela

ouviu enquanto elas debatiam o que significava ser uma mulher negra

o que significava ser feminista quando as organizações das feministas brancas não as faziam se sentir bem-vindas

qual era a sensação quando as pessoas as chamavam de neguinhas ou criminosos racistas as ofendiam

como era quando os homens brancos abriam a porta ou cediam o assento no transporte público para as mulheres brancas (o que era machista), mas não para elas (o que era racista)

Amma se identificou com as experiências delas, começou a se juntar aos refrões, a gente te entende, irmã, com a gente foi igual, irmã

foi como voltar do exílio

no fim dessa primeira tarde, as mulheres se despediram e Amma se ofereceu para ficar e lavar os copos e os cinzeiros com Elaine

elas deram uns amassos num dos sofás irregulares sob a luz dos postes da rua e com o acompanhamento de sirenes da polícia foi o mais perto que chegou de fazer amor consigo mesma foi como voltar para casa, mais uma vez

na semana seguinte quando ela chegou à reunião

Elaine estava aos beijos com outra mulher

e a ignorou completamente

ela nunca mais voltou

Amma e Dominique ficaram até serem postas para fora, tinham entornado várias taças de vinho tinto

decidiram que precisavam criar sua própria companhia de teatro para terem a chance de atuar, porque nem uma nem outra estava disposta a trair suas crenças políticas para achar um trabalho

ou a calar a boca para manter um

parecia a solução óbvia

rabiscaram ideias de nomes em um papel higiênico grosso roubado do banheiro

A Moita Companhia de Teatro era o que melhor capturava as intenções delas

elas iam ser uma voz no teatro onde havia silêncio

histórias de mulheres negras e asiáticas iam ganhar o mundo

iam criar um teatro sob as condições delas

esse virou o lema da companhia
Sob as Nossas Condições
Ou Nada Feito.

2

Salas de estar viraram espaço de ensaios, charangas caindo aos pedaços transportaram adereços, figurinos vieram de lojas de segunda mão, cenários foram retirados de ferros-velhos, elas convocaram amigos para ajudar, todo mundo aprendendo enquanto trabalhava, ad hoc, apostando juntos naquilo

redigiram pedidos de subsídio em velhas máquinas de escrever com teclas faltando, um orçamento parecia a Amma tão alienígena quanto física quântica, ela se recusou a ficar presa atrás de uma mesa

ela irritava Dominique quando chegava tarde às reuniões administrativas e saía cedo alegando dor de cabeça ou TPM

as duas brigaram quando ela entrou numa papelaria e saiu na mesma hora dizendo que teve um ataque de pânico

ela criticou Dominique por badalar até altas horas em vez de entregar o roteiro que tinha prometido escrever, ou esquecer as falas no meio da apresentação

seis meses depois de iniciarem, estavam em constante conflito

elas se davam muito bem como amigas, mas descobriram que não podiam trabalhar juntas

Amma convocou uma reunião do tipo tudo ou nada na casa dela

as duas se sentaram com um vinho e comida chinesa e Dominique admitiu que sentia mais prazer em organizar turnês para a companhia do que em ficar diante da plateia e que preferia ser ela mesma a fingir ser outras pessoas

Amma admitiu que amava escrever, odiava administrar e será que era mesmo boa atuando? ela interpretava a raiva de forma brilhante —mas só

Dominique virou a gestora da companhia, Amma a diretora artística

contrataram atrizes, diretores, designers, equipe de palco, organizaram turnês nacionais que duraram meses

as peças delas, *A importância de ser fêmea*, *MGF: O musical*, *Casamento des-arranjado*, *Gostosonas*, eram apresentadas em centros comunitários, bibliotecas, teatros de vanguarda, em festivais de mulheres e conferências

distribuía folhetos do lado de fora de eventos quando o público entrava e saía, colavam cartazes em outdoors sem permissão na calada da noite

começaram a ganhar resenhas na mídia alternativa e até produziram um samizdat mensal, o *Moita*

mas por causa das vendas ridiculamente baixas e, para ser franca, da redação ridiculamente ruim, ele durou duas edições depois de seu grandioso lançamento na Sisterwrite numa noite de verão

em que um grupo de mulheres se juntou para aproveitar o vinho barato grátis e se espalhar pela calçada para fumar e conversar umas com as outras

Amma complementava a renda trabalhando numa lanchonete na Piccadilly Circus

onde ela vendia hambúrgueres feitos de papelão acompanhados de cebolas reidratadas e queijo borrachento

que ela também comia de graça nos intervalos—e lhe deu espinhas

a roupa e o chapéu laranja de náilon que ela usava faziam com que os clientes a vissem como uma empregada de uniforme sob as ordens deles

e não seu eu maravilhoso, artístico, altamente individualista e rebelde

levava tortas crocantes grátis recheadas com grumos de açúcar sabor maçã para os michês desamparados de quem ficou amiga e que circulavam pela estação

sem fazer ideia de que nos anos seguintes iria ao funeral deles
eles não sabiam que sexo sem proteção significava dançar com a morte

ninguém sabia

casa era uma fábrica abandonada em Deptford com paredes de concreto, um telhado caindo aos pedaços e uma comunidade de ratos que resistia a todas as tentativas de extermínio

depois disso ela se mudou para uma série de ocupações parecidas até se ver morando na ocupação mais desejável de Londres, um antigo prédio comercial de dimensões soviéticas nos fundos da estação King's Cross

teve sorte de ser uma das primeiras a ouvir falar dela antes que lotasse

e ficou lá em cima quando oficiais de justiça estacionaram uma retroescavadeira na porta da frente

o que desencadeou reações violentas e vozes de prisão aos malucos que pensaram que a retroescavadeira merecia um bom chute

eles chamaram aquilo de a Batalha de King's Cross

em seguida o prédio ficou conhecido como a República de Freedomia

também tiveram sorte porque o dono da propriedade, um tal de Jack Staniforth, que vivia em Monte Carlo sem pagar impostos e era cheio da grana graças à empresa da família, uma daquelas que produziam talheres em Sheffield, se revelou simpático à causa deles quando soube das notícias pela imobiliária

ele havia participado da Brigada Internacional na Guerra Civil Espanhola

e um péssimo investimento em um prédio em um dos distritos mais decadentes de Londres era uma nota de rodapé irrelevante na contabilidade dele

se cuidassem do lugar, ele escreveu
podiam ficar ali de graça

eles deixaram de lado a gambiarra na luz e abriram uma conta na Companhia de Eletricidade de Londres

a mesma coisa com o gás, até agora alimentado por uma única moeda de cinquenta pence encravada num medidor

tiveram que organizar um sistema de gestão e se reuniram no sábado de manhã no vestíbulo para discutir

os marxistas exigiram a criação de um Comitê Central da República Trabalhista de Freedomia, o que era um pouco demais, Amma achou, já que a maioria deles tinha assumido “uma posição de princípios contra os porcos capitalistas” como desculpa para não trabalhar

os hippies sugeriram que formassem uma comuna e compartilhassem tudo, mas eram tão calmos e descontraídos que todo mundo falava por cima deles

os ambientalistas queriam banir aerossóis, sacolas plásticas e desodorantes, o que fez todos se voltarem contra eles, até os punks, que não eram exatamente conhecidos por cheirarem a rosas

os vegetarianos exigiram uma política zero carne, os veganos queriam estendê-la para zero lactose, os macrobióticos sugeriram que todos comessem repolho cozido no vapor no café da manhã

os rastafáris queriam legalizar a *cannabis*, e um pedacinho de chão reservado no terreno dos fundos para as reuniões do Nyabinghi

os hare krishnas queriam que todos se juntassem a eles naquela mesma tarde para bater tambores na Oxford Street

os punks queriam permissão para tocar música estridente e foram silenciados com a devida estridência

os caras gays queriam uma legislação anti-homofobia prevista na constituição do prédio, ao que todo mundo retrucou: que constituição?

as feministas radicais queriam alojamentos só de mulheres, autogeridos por uma cooperativa

as feministas radicais lésbicas queriam alojamentos separados dos das feministas radicais não lésbicas, também autogeridos por uma cooperativa

as feministas radicais lésbicas e negras queriam a mesma coisa, mas que nenhum branquelo de qualquer gênero entrasse lá

os anarquistas caíram fora porque qualquer espécie de governo era uma traição a tudo em que acreditavam

Amma preferiu ficar por conta própria e se misturar com os que não tinham tentado impor sua vontade a ninguém

no final, criou-se um comitê de gestão direto e rotativo com várias regras contra tráfico de drogas, assédio sexual e voto nos tóris

o terreno dos fundos se tornou um espaço comunitário com esculturas de sucata

cortesia dos artistas

Amma conseguiu reivindicar uma sala de datilografia tão grande que podia correr ao redor dela

com seu próprio vaso sanitário e pia que mantinha abençoadamente limpos e com cheiro de flores

cobriu as paredes e o teto com uma tinta vermelho-sangue marcante, arrancou o carpete de um cinza corporativo, jogou algumas esteiras de ráfia no chão de madeira, instalou um fogão de segunda mão, geladeira, pufes, um futon e uma banheira resgatada de um ferro-velho

o cômodo era grande o bastante para festas e grande o bastante para as pessoas ficarem para dormir

as batidas *disco* de Donna Summer, Sister Sledge, Minnie Riperton e Chaka Khan rodando no vinil animavam as festas

Roberta, Sarah, Edith, Etta e Mathilde Santing eram a trilha sonora de suas seduções de fim de noite

atrás do biombo preto laqueado do século XVIII, resgatado de uma caçamba em frente à antiga embaixada chinesa

ela se relacionou com várias mulheres de Freedomia

não queria nada além de uma noite, a maioria delas queria mais do que isso

chegou a um ponto em que tinha medo de cruzar com suas antigas conquistas nos corredores, como Maryse, uma tradutora de Guadalupe

se não estivesse batendo na porta de Amma no meio da noite, implorando para entrar, ficava de tocaia do lado de fora para importunar quem estivesse conseguindo o que ela queria

depois se plantou na janela para xingar Amma sempre que a via se aproximar do prédio, e a gota d'água foi um dia em que jogou um

balde de cascas de vegetais em Amma quando ela passou embaixo da sua janela

enfurecendo tanto os ambientalistas quanto o comitê de gestão que se encarregou de escrever a Amma para que “parasse de cagar na própria porta”

Amma respondeu por escrito que era interessante ver como as pessoas se transformavam rapidamente em *fascistas totalitários* quando conseguiam um pouquinho de poder

mas ela tinha aprendido a lição e não era falta de atenção; as *groupies* faziam fila para Amma e Dominique como as figuras principais d’A Moita Companhia de Teatro

todas desde girininhas saindo da adolescência até mulheres que podiam ser mães delas

Amma não discriminava, se gabava com as amigas que suas preferências eram de fato igualitárias na medida em que atravessavam culturas, classes sociais, credos, raças, religiões e gerações

o que felizmente lhe abria um campo de atuação mais amplo que o da maioria

(ela manteve sua predileção por peitos grandes em segredo porque era antifeminista isolar partes do corpo para fins de objetificação)

Dominique era mais seletiva e monogâmica, em série aliás, tinha uma queda por atrizes, em geral loiras, cujo talento microscópico era ofuscado por uma beleza macroscópica

ou por modelos cuja aparência *era* o talento

elas batiam cartão em bares só de mulheres

Fallen Angel, Rackets, Bell, Drill Hall na segunda-feira onde a fanchada se reunia, e no bar clandestino da Pearl, em Brixton, na

noite de sexta; Pearl era uma jamaicana de meia-idade que tirou os móveis do porão, instalou um sistema de som e passou a cobrar entrada

pela experiência de Amma, se comprometer com uma só pessoa era se prender, ela não tinha saído de casa para uma vida de liberdade e aventura para acabar acorrentada aos desejos de alguém

se dormia com uma mulher mais de duas ou três vezes, elas em geral passavam de uma independência cativante para uma carência crescente

em uma semana

Amma se tornava a única fonte de felicidade dessas mulheres, que passavam a afirmar sua autoridade esmagando a autonomia dela, por quaisquer meios necessários

caras emburradas, lágrimas, acusações de egoísmo e frieza

ela aprendeu a se esquivar de todas as mulheres, a deixar suas intenções bem claras antes de qualquer coisa, a nunca dormir com a mesma pessoa duas vezes, ou, forçando a barra, três

mesmo quando tinha vontade

sexo era um prazer humano básico, inofensivo, e até o final dos trinta anos ela tinha feito um bocado

tinham sido quantas? cem, mais cinquenta? não mais do que isso mesmo?

alguns amigos sugeriram que ela tentasse uma terapia para ver se sossegava, ela respondeu que era praticamente virgem comparada aos roqueiros que se vangloriavam das milhares de conquistas e que eram admirados por isso

alguém mandava eles fazerem terapia?

infelizmente nos últimos tempos uma ou duas conquistas antigas de Amma a tinham perseguido nas redes sociais, onde o passado só

*image
not
available*

a Amma de meia-idade às vezes sente saudade da época de sua juventude, lembra da única vez em que ela e Dominique foram ao lendário Gateways

escondido num porão em Chelsea nos últimos anos de seus cinquenta de existência

estava quase vazio, duas mulheres de meia-idade de cabelo curto e usando terno ali de pé no bar como se tivessem saído direto das páginas de *O poço da solidão*

a pista de dança estava pouco iluminada, e duas mulheres bem velhas e bem baixinhas, uma de terno preto, a outra com um vestido estilo anos 40, dançavam “The Look of Love”, da Dusty Springfield, de rosto colado

e não havia nem uma bola espelhada girando no meio do teto e espalhando coraçõezinhos em cima delas.

3

Amma joga o café numa lixeira e caminha direto para o teatro, passando pela pista de skate de concreto toda grafitada

é cedo demais para os jovens iniciarem seus saltos e giros que desafiam a morte sem capacetes ou joelheiras

os jovens, tão destemidos

como Yazz, que vai pedalar sem capacete

que sai pisando duro quando a mãe diz que um capacete pode determinar se ela vai

a) ter uma dor de cabeça

b) ter que aprender a falar de novo

ela entra pela porta dos bastidores, cumprimenta o segurança, Bob, que lhe deseja boa sorte para esta noite, anda pelos corredores, sobe

*image
not
available*

verde guinchando e gritando e se divertindo com cordas e brincando de amarelinha e pega-pega

e lá estava Shirley de pé na frente dela

Shirley, com o cabelo perfeitamente arrumado, o rosto tão brilhante (vaselina, Amma descobriu depois), a gravata da escola perfeitamente alinhada, meias brancas puxadas até os joelhos

tão serena, tão arrumada, tão bonitinha

diferente da própria Amma com o cabelo bagunçado, sobretudo porque não conseguia parar de desatar as duas tranças que a mãe fazia toda manhã

ou impedir as meias de escorregarem para baixo porque não conseguia deixar de esfregar um pé na outra perna

e o seu casaco da escola era de um tamanho três vezes maior porque a mãe dela queria que durasse três anos

olá, ela disse, meu nome é Shirley, quer que eu seja sua amiga?

Amma assentiu com a cabeça, Shirley pegou a mão dela e a levou até o grupo do qual tinha acabado de sair, que brincava de pular elástico

elas se tornaram inseparáveis depois disso, Shirley prestava atenção na aula e dava para contar com a ajuda dela para fazer o dever de casa

Shirley ouvia Amma falar por horas das quedinhas que tinha pelos garotos e, depois de um período de bissexualidade provisória (com breves quedinhas pelos irmãos de Shirley, Errol e Tony), pelas garotas

Shirley nunca disse uma palavra negativa sobre a sexualidade de Amma, dava cobertura quando ela faltava às aulas e ouvia com avidez as histórias dos jovens do teatro—o cigarro, os amassos, as bebedeiras, a atuação—nessa ordem, e mesmo quando os caminhos delas se

*image
not
available*

Amma nunca ia esquecer da última vez que a viu, as duas sentadas no meio-fio do lado de fora do Bell, as pessoas cambaleando a esmo por ali enquanto Amma forçava um dedo na garganta de Georgie para fazê-la regurgitar os remédios que tinha engolido no banheiro

pela primeira vez desde que se conheceram, Amma de fato demonstrou a frustração dela com a amiga por ser um caso tão perdido, por ser tão insegura, por ser incapaz de lidar com a vida adulta, por estar chapada o tempo todo, está na hora de crescer, Georgie, está na hora de crescer, porra!

uma semana depois ela caiu da sacada do andar mais alto do Pepys Estate em Deptford onde morava

desde então Amma se pergunta como Georgie morreu se ela caiu (acidente), se voou (tropeçando), se se jogou (suicídio) ou se foi empurrada (improvável)

ainda se sente culpada, ainda se pergunta se foi culpa dela

Sylvester sempre aparece nas primeiras noites, nem que seja só pelas bebidas grátis da festa que se segue à estreia

ainda que alguns dias antes ele a tivesse acusado de se vender quando a encurralou do lado de fora da estação de metrô de Brixton na hora em que ela voltava do ensaio para casa

e a tivesse convencido a tomar uma bebida com ele no Ritzy onde se sentaram no bar do piso de cima cercados de pôsteres dos filmes independentes que tinham ido ver juntos desde que se conheceram quando eram alunos na escola de atores

filmes como *Pink Flamingos*, estrelando a grande drag queen Divine, *Nascidas em chamas*, *Filhas do pó*, *Adeus, minha concubina*, *A Place of Rage*, da Pratibha Parmar, e *As canções de Handsworth*, do Black Audio Film Collective

*image
not
available*

ele se recostou, os olhos úmidos por causa das cervejas, julgando-a em silêncio, ela conhecia esse olhar, o álcool estava prestes a trazer à tona a crueldade que de outro modo não existia em seu velho amigo

admita, Ams, você abriu mão dos princípios em nome da ambição e agora pertence ao establishment com E maiúsculo, ele disse, você é uma vira-casaca

ela ficou de pé, pegou sua bolsa de patchwork com estampas africanas e deixou o lugar

um pouco mais adiante na rua olhou para trás e o viu encostado na parede do Ritzy enrolando um cigarro

ainda enrolando cigarros

fique aí, Sylvie.

4

Amma voltou a pé no escuro, ainda agradecida por ter conseguido uma casa própria a esta altura da vida, bem na hora em que era praticamente uma sem-teto

primeiro Jack Staniforth morreu e aí Jonathan, o filho dele, que tinha ficado enlouquecido com a decisão absolutamente escandalosa do pai de não lucrar com o programa de revitalização de King's Cross que um dia ia ter trens de Londres a Paris

deu aos cidadãos de Freedomia um aviso prévio de três meses

mesmo arrasada, Amma precisava admitir que tinha se dado muito bem, já que nunca pagou um centavo de aluguel naquela que se tornou uma das cidades mais caras do planeta

chorou ao deixar seu ex-escritório de dimensões extravagantes e janelas com vista para os trens que chegavam à estação vindos do norte da Inglaterra

*image
not
available*

brancas de fada, shortinho amarelo por cima de uma legging com listas brancas e vermelhas, um sapato diferente em cada pé (uma sandália e uma botinha), batom borrado na boca, bochechas e testa (uma fase), várias mechas de cabelo amarradas com pequenas bonecas presas nas pontas

Amma ignorava os olhares de pena ou o julgamento de passantes e de mães de mente fechada no parquinho ou na creche

Yazz nunca foi repreendida por dizer o que pensava, embora fosse repreendida pelos palavrões porque precisava desenvolver o vocabulário

(Yazz, diga que acha a Marissa não muito agradável ou um pouco antipática em vez de descrevê-la como cara de cu cagado)

e, embora nem sempre conseguisse o que queria, se defendesse um ponto de vista com força suficiente ela tinha uma chance

Amma queria que a filha fosse livre, feminista e poderosa

mais tarde a levou a cursos de desenvolvimento pessoal para crianças para que tivesse a confiança e a desenvoltura necessárias para florescer em qualquer ambiente

grande erro

mãe, Yazz disse aos catorze anos quando tentava ir ao Reading Music Festival com os amigos, será em detrimento do meu desenvolvimento juvenil você cercear minhas atividades neste estágio crítico da minha jornada rumo a me tornar uma livre pensadora e uma adulta plenamente capaz de se autoexpressar como você espera que eu seja, quer dizer, você realmente deseja que eu me rebele contra as suas regras antiquadas fugindo da segurança de casa para viver nas ruas e tenha que recorrer à prostituição para sobreviver e por conseguinte sucumba ao vício em drogas, crime, anorexia e

*image
not
available*

Yazz

1

Yazz

senta no lugar escolhido pela mãe no meio da plateia, um dos melhores da casa, embora preferisse ficar escondida lá no fundo caso a peça fosse outro constrangimento

puxa e prende o black incrivelmente selvagem, vigoroso, forte e volumoso porque as pessoas sentadas nos lugares atrás dela reclamam que não conseguem ver o palco

quando seus conterrâneos negros acusam as pessoas de racismo ou microagressão por essa mesma razão, Yazz pergunta como iam se sentir se uma cerca viva rebelde bloqueasse a visão deles do palco num concerto

duas garotas do seu *squad* da universidade, as Inabaláveis, estão sentadas uma de cada lado dela, Waris e Courtney, dedicadas como ela porque estão determinadas a conseguir um diploma, pois sem um elas estão

ferradas

estão ferradas de qualquer jeito, elas concordam

quando saírem da faculdade vai haver uma grande dívida e uma competição insana por empregos e o preço escandaloso dos aluguéis lá fora vai levar a geração dela a morar na casa dos pais *para sempre* e portanto a se desesperar com o futuro e o que dizer do planeta quase

*image
not
available*

olharam para elas enquanto caminhavam pela ruazinha entre os bares como se estivessem olhando para nativos num safári cultural

e quem é que foi flagrada no Cereal Lovers Café em Stockwell por um dos colegas de Yazz não faz muito tempo?

um café especializado que vendia mais de cem tipos de cereais matinais a preços extorsivos

um café em que só aqueles que de fato tinham vendido a alma para um diabo *hipster* iam pensar em pôr os pés

um café que deixava a população local tão indignada que ela continuava quebrando as janelas

quanto ao pai

(pode me chamar de Rolland, não, você é meu pai, *pai*)

ele está sentado umas duas fileiras à frente dela, usando um dos seus ternos Ozwald Boateng—azul-brilhante do lado de fora, cetim roxo do lado de dentro

a cabeça dele reluz graças à manteiga de coco, primeira coisa da manhã, última da noite

ele está de costas eretas graças às sessões mensais da técnica de Alexander para neutralizar o que ele chama de síndrome do corcunda acadêmico

de vez em quando ele casualmente olha ao redor para ver quem o reconhece da tevê

a soma que o pai gasta com roupas podia cobrir os custos da universidade dela por um ano, os mesmos custos com os quais ele *diz* não ter como arcar

é a cara dele priorizar a moda em vez do autossacrifício da boa e velha paternidade

*image
not
available*

lado do pai

Kenny também é careca e bigodudo no estilo anos 70 (*nada* legal), ele é paisagista e os dois se dão bem sobretudo porque ele não tem nenhuma ilusão de grandeza, eles vão e assistem *X Factor* juntos só porque estão a fim, enquanto o pai finge que é porque tem que escrever sobre o significado cultural daquilo

eles saem pra pedalar de bicicleta bem cedo no domingo de manhã antes de a cidade acordar, pelo gramado até Battersea, pelas ruelas até Richmond e o rio, pelo puro prazer de fazer isso, e não como um exercício forçado para ficar magro

que é o único motivo pelo qual o pai corre maratonas

Kenny pediu a ela que fosse um pouco menos negativa em relação ao pai no dia seguinte a ele sumir escada acima num acesso de raiva por causa de um comentário inofensivo que ela fez

Yazz respondeu que estava atravessando seus últimos anos cínicos da adolescência, eu simplesmente não consigo evitar, Kenny, assim que eu sair do outro lado toda adorável de novo eu te aviso

Kenny rachou o bico com aquilo, ele gosta de lembrar que a conhece desde que ela era um espermatozoide entre milhões no tubo de ensaio do pai e quando a mãe reclamava que ela estava dando um baita chute dentro da barriga dela

e ela ironizava que o chute era por causa de uma premonição embrionária que dizia que ela ia nascer na pobreza

assim que estivesse formada e trabalhando, ia convencer a mãe a vender a casa dela, correção, a casa *delas*, que agora vale uma fortuna graças à gentrificação de Brixton feita *pela mãe*

a mãe podia ir morar num bangalô, o que ia ser bem prático para uma mulher da idade dela, provavelmente numa cidade litorânea fora de moda a coisa ia ser mais barata

*image
not
available*

Richter de aporrinhção dela

fatalmente ia ter um rosto novo na mesa do café da manhã tentando fazer amizade com a filha do novo amor, correndo pra lá e pra cá fazendo a torrada de Yazz, omelete com queijo e tomates, servindo o suco, lavando a louça

a filha que ia soltar uma série de dicas nada sutis quando o aniversário dela/Natal/Páscoa estivessem chegando

(e por que a marmelada não está em cima da mesa?)

quando Yazz fala para as pessoas de sua criação incomum, os ingênuos esperam que ela tenha traumas emocionais por causa disso, tipo como você pode não ter quando a sua mãe é uma lésbica adepta do poliamor e o seu pai é um gay narcisista (como ela o descreve), e você salta de uma casa para a outra e é largada com vários padrinhos e madrinhas enquanto seus pais cuidam da carreira deles?

isso irrita Yazz, que não suporta pessoas dizendo qualquer coisa negativa sobre seus pais

é uma prerrogativa dela

seja como for, ela se resignou a andar com o *squad* na universidade em vez de sair pra caçar

é uma pena que ela esteja amadurecendo como uma representante da geração passa-passa-passa-curte-fala-convida-come, os caras esperam que você dê tudo no primeiro (e único) encontro, não tenha *nenhum* pelo pubiano e faça as coisas nojentas que eles veem as mulheres fazerem em filmes pornô na internet

que ela acha que os garotos dos dormitórios assistem o dia todo e a noite toda, garotos que raramente são vistos fora dos quartos (aulas? que aulas?)